

Há homénis a quem se não pôde nem deve responder; outros a quem se deve fazê-lo. O sr. dr. Casais Monteiro pertence a esta última categoria e por isso venho responder ao seu artigo.

A questão é simples. Envio a V. Ex.^a um pacote de jornais, com artigos de vários géneros, desde o sueto ao artigo espalhafatoso, em 3 ou 4 colunas, de capa rica. Contêm êles sistematicamente insultos, injúrias, calúnias, chalaças, e coisas analogas, à mistura com uma argumentação sofisticada e mistica de uma banalidade miserável. Chamam-me ali «inimigo perigoso da pátria», «judeu», «mentecapto», e outras coisas; e, o que é peor, com frequência me atacam pelo que eu jamais disse, ou por ideias que pertençam a outros. O alarido e a miséria da campanha chegou em certos momentos a tal ponto, que contra ela protestaram alguns jornais, como o «Diário da Noite», a «Montanha» e o «Trabalho». A coisa chegou com efeito aos extremos de alguém publicar um artigo intitulado «Um malfetor», artigo provocado por um outro meu sobre a Relatividade. Ninguém compreende como tal assunto possa dar margem a insultos desta ordem; mas o facto deu-se, como V. Ex.^a pôde verificar consultando os jornais que envio.

Num dado momento a campanha generalizou-se, e ergueram-se contra mim, em côro, poetas, videntes, iluminados, espiritas e outros ainda; appareceram mesmo descomposturas em verso (no «Trabalho»). Publiquei a êste respeito um artigo muito sereno intitulado «Um mal-entendido»; de nada serviu, tendo continuado a campanha. Ao mesmo tempo estropeava-se e deformava-se tudo o que eu dizia ou escrevia, a pontos de, tendo-me referido um dia à «planificação da ciência», termo que não inventei, fui metido a ridículo num artigo de 4 colunas, por «querer fazer da ciência uma bola de futebol», isto por que o articulista se esqueceu que *plano* além do sentido geometrico significa também projecto. Recentemente, a propósito da Caracterologia, um pluminho do Porto, cá sobre mim num jornal acusando-me de chamar «parvos» e «estupidos» ás pessoas classificadas como ciclotímicos, e outros disparates analogos.

A campanha juntou-se pois a mais espantosa confusão.

Mas não é só isto. A calúnia e ao insulto público, juntam-se as cartas particulares, as cartas anónimas, e a campanha de cafés. Esta última tornou-se por vezes de uma torpeza sem nome. Ela está documentada nas referências veladas que lhe fazem os jornais a «Montanha» e o «Diário

Carta ao Sr.

rio da Noite»: não se pôde levar mais longe a torpeza.

Um dos autores desta campanha de café, foi o falecido orador Leonardo Coimbra, cujas atitudes para comigo foram de uma miséria moral inconcebível: tudo a êsse respeito está *documentado e testemunhado*, e tudo será exposto no momento oportuno. Aqui direi apenas a V. Ex.^a que se não pôde levar mais longe a miséria moral e intelectual de que o fez o referido Leonardo Coimbra.

Há mais ainda, muito mais, mas isto basta para mostrar que as observações de V. Ex.^a não teem fundamento.

E tudo isto porquê? Por uma razão simples:

O pensamento e a ciência, estão em Portugal, sob o ponto de vista filosofico, atrasados pelo menos em 50 anos. Em geral, desconhecem-se entre nós os resultados do grande movimento da logica, das matematicas, da fisica, da psicologia, etc. A logica das relações, a logistica, a logica simbolica, a romantica, a logica do infinito, os resultados do cautismo, o criticismo de Heinseberg, etc., no que diz respeito à sua influencia filosofica, são quasi ignorados entre nós. A própria teoria da Relatividade e seus resultados filosoficos são pouco conhecidos no nosso meio. Ignora-se entre nós o trabalho das Escolas de Goettingen, da Escola de Varsovia, da Escola Americana, da Escola de Cambridge, da Escola de Viena; ignora-se quasi tudo do grande movimento empirio-logico contemporaneo, no entanto o mais notável dos modernos movimentos filosoficos.

Ignora-se sobretudo que o pensamento contemporaneo está fazendo uma revolução capital, de importancia historica fundamental. Que os antigos quadros conceituais do pensamento classico foram abandonados por incorrectos e insuficientes; que o pensamento classico, na sua própria forma tem de ser abandonado; que a logica aristotelica tem de ser substituida; que os próprios conceitos fundamentais, espaço, tempo, substancia, causalidade, força, etc., têm de ser substituidos ou reformados; que a logica do predicado tem de ser eliminada, etc.

Quer dizer, a reforma é radical; atinge o pensamento classico nas suas próprias raizes, nos seus processos fundamentais.

Ao mesmo tempo os novos processos da análise logica da linguagem, a sintaxe logica, a logica simbolica, vieram mostrar-nos que a filosofia classica,

e a própria ciência, está contaminada de vícios capitais na sua própria forma de pensar.

O que pensamos ser linguagem objectiva é apenas, em muitos casos, linguagem material, pseudo-objectiva, que tem apenas significado formal; assim, uma grande parte do pensamento classico, a que estamos habituados, gira em volta de auto-ilusões, de vícios de linguagem. Empregamos constantemente proposições pseudo-objectivas como se tivessem um valor objectivo; falamos uma linguagem material, dando-lhe o valor de uma linguagem objectiva, o que conduz a confusões inextricáveis. Demonstrou-se além disso que toda a logica e toda a matematica são tautológicas; que todas as proposições sintéticas são experimentais. Deu-se a completa desagregação de todo o a priori.

Isto e outros factos, conduziram à análise do que Rougier chamou «a doença da linguagem» na filosofia e na ciência. Esta doença da linguagem é o que chamamos precisamente Metafisica. E perante esta ergueu-se um novo criticismo, que nos diz que a Metafisica não é verdadeira nem falsa, mas destituída de sentido logico, de conteúdo: as suas proposições são apenas pseudo-proposições.

Não ha problemas metafisicos, mas pseudo-problemas apenas. Modificaram-se por completo as correlações historicas do racionalismo e empirismo; reformou-se o conceito e as bases do positivismo; eliminaram-se, por falhos de sentido, os conceitos de realismo, de materialismo, de idealismo, a coisa em si, o noumeno, o transcendente, o absoluto, etc., etc.

E a análise critica continua; a revolução corresponde uma reconstrução de todo o edificio da Ciência e da Filosofia, uma reforma integral do Pensamento. O recente Congresso de Paris mostrou a internacionalização rápida deste grande movimento; vindo do oriente europeu, espalhou-se rapidamente na America, na Inglaterra, na Grecia, Polonia, e começa a espalhar-se em França. Apenas a Alemanha está refractaria ainda: a Alemanha e Portugal.

Este último continua ruminando o velho pensamento alemão e francês; vive ainda de Kant, de Hegel, de Schopenhauer e de Wietozche, de Comte e de Taine, quando não apenas de Bergson e analogos. Ora tudo isto pertence ao passado, caducou já. O pensamento contemporaneo apresenta dois grandes

Dr. Casais Monteiro

de ABEL SALAZAR

movimentos: um que tenta restaurar o passado, sob várias formas, o neo-tomismo por exemplo, e a Metafisica Patética e Romantica, o auto-intelectualismo, etc.; outra, que é representada pelo grande movimento progressivo e renovador do empirismo logico e analogos, em geral, o que se chama o Neo-Positivismo. Entre os dois, travou-se a batalha; e a batalha continua em nossos dias; somente, em Portugal, ninguém se interessa por êste conflicto «passionante».

A isto ha a juntar os resultados capitais das escolas psicologicas, as escolas de Kretschmer, de Pende, de Levy-Bruhl, etc.; os resultados da filosofia e psicologia comparadas, historica, etc., e várias outras coisas, sem as quais é impossivel compreender o que se passa no actual movimento intelectual.

//

Estamos, em suma, passando por uma revolução intelectual historica e filosoficamente mais importantes do que as de Galileo, Copernico, Newton ou Kant. Ela é fundamental porque nos conduziu a novas concepções do mundo, do pensamento, da filosofia e do homem.

E no entanto muita gente quasi não dá por isso; o caso lembra o de um português que, em Paris, debaixo mesmo da Torre Eiffel, andava à procura da torre referida, sem a ver.

Ora, há perto de 4 anos que, no meio de grandes dificuldades, me esforço por introduzir no nosso país os elementos fundamentais deste movimento. Em conferencias, artigos, e ensaios, tenho tentado dar uma ideia desta Revolução. As dificuldades são extremas; e ainda recentemente uma tentativa deste genero está sendo feita no «Diabo». A isto tenho acrescentado o que me parece indispensavel quanto às aquisições da ciência moderna, e por essa razão vim falar da Escola de Kretschmer e outras.

Os meus esforços são sinceros; não pretendo que ninguém pense desta ou daquela forma, mas apenas que pense com sentido e clareza, e em harmonia com as aquisições filosoficas actuais, em harmonia com o momento. Porque a revolução actual não é uma revolução de sistema, mas a própria modificação da forma classica do pensar. Por isso ninguém tem o direito de ignorar o que a tal respeito tem sido adquirido, ninguém tem o direito de ignorar o esforço feito quanto à rectificação e clarificação do

pensamento classico. A seriedade, a amplitude, a imparcialidade dos trabalhos impõem-se a todos, filosofos e não filosofos, metafisicos e não metafisicos; podem-se discutir tais trabalhos, não se podem desconhecer. O sr. Heidegger pôde, em último recurso, dispensar a logica; mas argumenta servindo-se da logica. A ética intelectual manda, de resto, estudar os argumentos do adversario, antes de os combater; por isso a Metafisica actual, em má postura ante a análise logica, se defende apenas com truques, sofismas, e a gritaria do Patos metafisico alemão.

Seja como for, tal movimento tem de ser introduzido entre nós, se não quizermos petrificar mentalmente. E' nisso que há quatro anos me esforço, ora claramente, ora disfarçadamente. Nisso se esforça igualmente, embora por outros processos, o moço e já illustre matematico Rui Gomes, bem como, noutro campo, o Prof. Caraca.

Isto é tanto mais natural que eu tinha iniciado em 1915 alguns trabalhos filosoficos pessoais que em parte coincidem com os pontos de vista actuais; desses trabalhos foi apenas publicado um «Ensaio de psicologia filosofica», o qual, apesar dos seus defeitos e da sua mediocridade, corresponde à movimentação contemporanea. Quero com isto apenas dizer que retomei, passados anos, o fio das minhas preocupações de outrora, agora animado pela direcção e resultados do movimento filosofico actual.

Tudo isto é, segundo creio, legitimo e compreensivel. Tudo isto poderia ser feito em proveito geral. Não se trata de uma propaganda sectaria, a propaganda de um sistema; trata-se de uma exposição de factos, que interessam a todos os campos. Tudo isto deve interessar igualmente o filosofo, o homem de ciência, o poeta e o simples homem culto, curioso. Tudo isto deve interessar as academias, a universidade, todos os meios intelectuais.

Tanto mais que estamos num país intoxicado de filosofismo, com tendência constante para a retórica óca, para a retórica coimbrã; estamos num país que na realidade nunca soube pensar, nunca teve tendências para o esforço polarizado e tenaz da investigação filosofica, para o trabalho mental sequente e reflectido. Estamos num país de ligeireza intelectual, de sentimentalismo, de emotividade frenética, em que o brilho, a fantasia, são mais estimadas e

cultivadas do que a reflexão logica.

Estamos num momento que amplamente justificava a minha tentativa.

E no entanto a resposta foi o que se viu e a que acima me referi; a resposta são os insultos, os improperios, as calúnias de que mando a V. Ex.^a sufficiente documentação. A começar pelos chamados intelectuais, ninguém se esforçou honestamente por compreender, por assimilar, por se actualizar e se pôr ao facto das coisas; ninguém seguiu a via indicada para se informar;—não, a resposta foi a injuria, a chalaça, e a sistematica deformação de tudo, no conjuncto e no detalhe.

Foi-se mais longe ainda, e chegou-se ao absurdo, ao ridiculo. Viu-se em tudo isto o propósito de combater a... poesia, a arte, a literatura; viu-se nisso não sei que maquiavelico e fantástico projecto de aniquilar a beleza, a alma e a emoção. Foi-se mais longe ainda; viu-se em tudo isso politica e só politica, sectarismo, sinistras, tenebrosas, inconfessáveis intenções. Fez-se disso um espantelho, um papão temeroso, forjado por um «perigoso inimigo da Pátria», por um «judeu» (sic!), por um homem a soldo de não sei que tenebrosas entidades.

Foi-se mais longe ainda; fez-se disso a obra de um «Malfetor» (sic!), de um demente, de um imbecil.

Foi-se mais longe ainda; fez-se de «ciclotímico», «esquizotímico», «picnótico», «leptosomático», e outros banaes termos tecnicos, sinonimos de nomes politicos combativos, de bolchevista, de fascista, e de não sei que mais. Fizeram desses termos armas de combate, insultos, deram-lhe como sinonímia «parvo», «estupido», «doido», «grossoeiro» e outras coisas.

Foi-se até ao ridiculo, à bambochata, à fargada; tudo foi deformado, deturpado, envilecido...

Pregunto ao dr. Casais Monteiro, acha isto justo? acha isto legitimo e decente?

Eu faço ao dr. Casais Monteiro a justiça de supôr que não pensa assim. Mas se alguma dúvida tem ainda, eu ponho à sua disposição mais factos ainda e documentação, que o convencerá da verdade que afirmo e da seriedade das minhas intenções.

Nunca pretendi ser «chefe» de coisa alguma, nem orientador, nem constituir cenáculos; de testo os meneurs e os chefes; pretendi apenas dizer: «há isto, queiram reparar», e mais nada.

Bastaria, para nos entendermos, que reparassem, e depois de estudar o caso, dissessem o que dele pensavam, com sentido e clareza. Mas não. O que succedeu foi o que acima foi dito; intellectuais houve que, sem tratar de saber o que era a Escola

(Continúa na página 6)